

FACULDADE DE LETRAS
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

83

INSCRIÇÕES 368-376



UNIVERSIDADE DE COIMBRA
2006

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.

Dos fascículos 1 a 66, inclusive, fez-se um CD-ROM, no âmbito do Projecto Culture 2000 intitulado VBI ERAT LVPA, com a colaboração da Universidade de Alcalá de Henares.

Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.

Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.

.....
Toda a colaboração deve ser dirigida a:

José d'ENCARNAÇÃO
Instituto de Arqueologia
Palácio de Sub-Ripas
P-3000-395 COIMBRA

Maria Manuela Alves DIAS
Av. Madrid, 24, 2.º dt.º
P-1000-196 LISBOA

.....

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de



CONSELHO DIRECTIVO DA FACULDADE DE LETRAS DE COIMBRA



FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia

MINISTÉRIO DA CIÊNCIA E DO ENSINO SUPERIOR

PORTUGAL

POCTI Apoio do Programa Operacional Ciência, Tecnologia, Inovação
do Quadro Comunitário de Apoio III

Composto e impresso na G. C. – Gráfica de Coimbra, Lda.

Depósito Legal N° 21216/88

DUAS EPÍGRAFES DE MONTALEGRE
(*Conventus Bracaraugustanus*)

368 – *Inscrição a Júpiter*

O monumento foi identificado por Carla Carvalho, em Junho de 2005, aquando de uma visita à aldeia de S. Vicente, após ter conhecimento que o actual presidente da Junta de Freguesia guardava uma “pedra com letras”, que teria encontrado no local designado por Almas ou Sítio do Padrão, nas imediações da povoação¹. A aldeia de S. Vicente fica localizada na freguesia da Chã, concelho de Montalegre, no percurso da Via Romana XVII.

Actualmente, a inscrição encontra-se guardada num armazém agrícola situado poucos metros a norte da igreja de S. Vicente². Segundo o achador³, a inscrição estava incrustada num muro de propriedade agrícola.

Trata-se de um bloco granítico, de formato rectangular, de grão fino a médio, rudemente trabalhado. Apenas foi afeiçoado na face que ostenta a inscrição, não tendo havido o cuidado de facetar as restantes arestas. Tendencialmente – e atendendo ao que reza o texto – estaríamos perante uma ara; de facto, é bem possível que o tivesse sido e que os sucessivos tratos de polé que sofreu, designadamente para a reutilização, o tenham por completo desfigurado.

¹ Os exemplos mais significativos do espólio epigráfico romano do concelho de Montalegre estão depositados no Museu da Região Flaviense; no entanto, muitos outros se encontram em vários locais do concelho, ou mesmo na posse de particulares. A fácil mobilidade destes monumentos e a sua reutilização em épocas posteriores levou a que fossem facilmente deslocados do contexto original.

² A igreja de S. Vicente da Chã, classificada como Monumento Nacional, tem as seguintes coordenadas 41° 47' 8" N – 7° 47' 1" E. Altitude 909 metros. Carta militar 1: 25 000, nº 32.

³ Sr. Manuel Duarte, presidente da Junta de Freguesia da Chã, a quem agradecemos a disponibilidade manifestada para que pudéssemos estudar o monumento.

Dimensões: 72 x 29 x 17.
Campo epigráfico: 40 x 27.

IOVI · HO/PTVMO [sic] · / M(axumo) · EQVAL/ES [sic] ·
LADRO[NI] / ⁵ F(ilius) · AR(am) · POS(uit)

Equales, filho de Ladrone, colocou o altar a Júpiter Óptimo Máximo

Altura das letras: 1. 1: 4; 1. 2: 5,5; 1. 3: 6,5; 1. 4: 5,5; 1. 5: 4,5.
Espaços: 1: 6,5; 2: 3; 3: 3,5; 4: 2,5; 5: 3; 6: 4.

É notório o cuidado, por parte do *ordinator*, em polir e rebaixar apenas a zona do campo epigráfico, que preencheu na totalidade. O alinhamento à esquerda e a existência de espaços interlineares bastante regulares denotam também esse cuidado na execução gráfica. Pontuação redonda, colocada bem a meio da linha. Os caracteres, ainda que denunciando alguma tendência (veja-se o caso do O bem circular e a regularidade do E) para a adopção de um tipo de letra capital quadrada, o certo é que as dificuldades do granito forçaram a uma certa cursividade no traçado das letras, visível aqui e além (no R, no P, sobretudo no S...).

A reconstrução de IO no início do texto não oferece dúvida porque, apesar do desgaste, se nota parte das letras. Parece-nos clara a existência de um inusitado H no começo da palavra *Optumo*, como que para dar a ideia de se tratar de uma palavra com aspiração inicial⁴. A fractura no campo superior direito impede que se veja, com clareza, a letra O. Na l. 3, nota-se bem a haste do Q (apesar de não ser bem visível na foto) e as letras V, A e L encontram-se interligadas, formando nexos; em todo o caso, sendo certa a leitura ES no começo da linha seguinte, a nossa principal dúvida reside precisamente nesse ponto: haverá mais uma letra, desaparecida com o desgaste? Em vez do L teremos um E? Claro que se pensou, à primeira vista, em *Equaesus*, de que uma variante *Equaeses* não seria surpresa, ainda que eventualmente não documentada. *Equales* – a ser boa esta leitura – poderá apontar em dois sentidos: má grafia de *Equalis*, um nome raro⁵,

⁴ Recorde-se o que escreveu José Cardim Ribeiro a propósito da grafia *Holumpus* patente numa epígrafe do Museu de S. Miguel de Odrinhas: RIBEIRO (José Cardim), «Sons desenhados – letras sonantes. Escrita e oralidade na época romana», *A Escrita das Escritas*, Lisboa, Fundação Portuguesa das Comunicações, 2000, p. 87-96.

⁵ I. KAJANTO, *The Latin Cognomina*, Helsínquia, 1965, p. 289, refere 10 testemunhos no conjunto do CIL, sendo dois de escravos ou libertos.

documentado apenas uma vez na Península⁶, e uma terminação em *-es*, de que outros exemplos subsistem⁷. Em todo o caso, estaríamos perante um nome de conotação pré-romana, uma vez que se lhe segue, na identificação, o patronímico, colocando-se-nos a probabilidade – que reputamos plausível – de a sílaba NI também ter estado gravada. *Ladronus* é antropónimo com diversos testemunhos no Noroeste peninsular⁸. A fórmula *ar(am) pos(uit)* assim abreviada não oferece qualquer dúvida, pois outros exemplos se registam.

Não admira a presença de uma dedicatória a Júpiter Ótimo Máximo feita por um indígena, tão corrente é já essa situação na epigrafia ocidental⁹. Sublinharíamos apenas, do ponto de vista cultural, o significado – não apenas do uso da atrás referida expressão (*aram posuit*), pelo que nela fica implícito de conhecimento dos rituais – mas, de modo particular, da grafia *Hoptumo*, que supomos ainda não documentada, e que denota uma intenção de ser fiel a um localismo oral, a realçar e a sugerir mais pesquisa nessa direcção.

Não podendo ter em rigorosa linha de conta os dados paleográficos – mormente por nos encontrarmos perante uma epígrafe gravada no granito – o modo de identificação do dedicante leva-nos a apontar como datação mui provável para o monumento a primeira metade do século I da nossa era.

369 – Ara anepígrafa

No mesmo local onde se encontra o monumento supracitado identificou Carla Carvalho uma outra ara, tombada junto à entrada do armazém. Ao que tudo indica, terá sido recolhida numa habitação na aldeia de Penedones, da mesma freguesia, durante obras de recuperação.

⁶ CIL II 4008, de Viver (Castellón), segundo Abascal 1994, p. 353. Aproveita-se o ensejo para referir que ILER não traz este texto de Viver (e está errada a referência no índice de correspondências); que em Robladillo de Trujillo (Cáceres) se regista *Equalius* (e não *Equalis*); e que, na base de dados <http://www.ubi-erat-lupa.austrogate.at/hispep/public/index.php>, o texto de Cáceres vinha repetido sob os números 20 469 e 2351.

⁷ Cfr. *Trites*: María Lourdes ALBERTOS FIRMAT, *La Onomástica Primitiva de Hispania, Tarraconense y Bética*, Salamanca, 1965, p. 234.

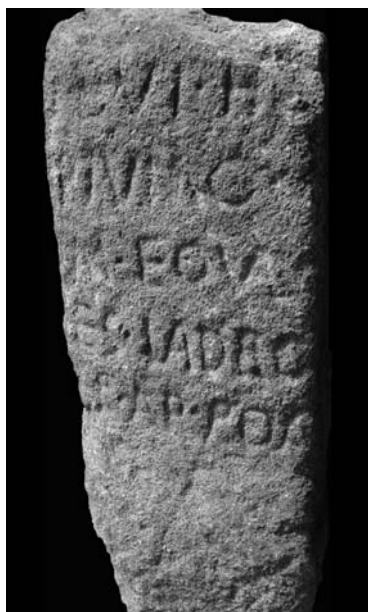
⁸ Cf. ABASCAL PALAZÓN (Juan Manuel), *Los Nombres Personales en las Inscripciones Latinas de Hispania*. Murcia, 1994, p. 394-395.

⁹ Poderíamos citar inúmera bibliografia a esse respeito. Cinjamo-nos, a título de exemplo, ao resultado da pesquisa levada a efeito por Patrick Le Roux e Alain Tranoy, que, embora já tenha alguns anos, se mantém válida nas suas conclusões: «Nouveau témoignage du culte de Jupiter dans le conventus Bracarus», *Minia*, 2 série, n.º 3, 1979, p. 57-60.

Não apresenta inscrição, ou porque nunca foi gravada ou porque foi destruída em reutilizações posteriores. De facto, parte do fuste encontra-se escavada: quiçá nessa altura se tenha perdido a eventual epígrafe (outra dedicatória a I. O. M.?). São também visíveis os restos de cal branca em todo o monumento e ausência de toros e fôculo na parte superior (porventura preexistentes), o que parece confirmar a sua reutilização.

Impressiona, contudo, a sua imponência (dimensões máximas: 80 x 36 x 40): o avantajado capitel (26 x 38 x 40) tem larga platibanda, a que se segue um rebaixo directo, uma garganta directa e um filete directo, que limitaria superiormente o campo epigráfico. A base também se apresenta volumosa (24 x 38 x 34), parecendo possível discernir nela uma garganta reversa a terminar em ranhura com ampla faixa reversa. Um monumento que, pela sua tipologia, nos recorda aras semelhantes encontradas no actual Nordeste alentejano¹⁰.

CARLA CARVALHO
JOSÉ D'ENCARNAÇÃO



368



369

¹⁰ Cfr. IRCP 612 (de Póvoa e Meadas, Castelo de Vide) e mesmo o altar a *Libera*, de Elvas (IRCP 567).

370-373

EPIGRAFÍA FUNERARIA DE VALDEFUENTES
(CÁCERES)
(*Conventus Emeritensis*)

En un reciente viaje a la localidad cacereña de Valdefuentes tuvimos ocasión de documentar varias inscripciones inéditas de las muchas que aún siguen saliendo en la rica epigrafía extremeña. Son concretamente cuatro inscripciones funerarias muy interesantes desde el punto de vista onomástico.

370



La primera de ellas procede de una escombrera ubicada en el sitio “El Canto”, en la cañada o camino de Cáceres. De aquí se llevó por su descubridor a la finca “Los Canchales”, propiedad de J. Arias Alvarado, en las cercanías de la localidad.

Se trata de una estela rectangular de granito con cabecera redondeada, rota en la parte inferior y lascada en la parte superior derecha. La rotura afecta al texto que está incompleto. Se encuentra en un deficiente estado de conservación y su lectura es muy dificultosa. Las letras son capitales cuadradas con rasgos rústicos y la interpunción redonda.

Dimensiones: (85) x 40 x 25.

Q(uintus) / APPVLLEI/VS VICT/OR A(nnorum) · LV (quinque
et quinquaginta) / ⁵ H(ic) S(itus) E(st) S(it) T(ibi) T(erra) / L(evis)

Aquí yace Quinto Apuleyo Víctor, de 55 años. Que la tierra te sea leve.

Altura de las letras: 1: 7; 2, 3, 4 y 6: 5; 5: 4.

Tanto el *nomen* como el *cognomen* del difunto son muy comunes en la epigrafía peninsular, aunque en el caso de aquél es la primera vez que aparece con geminación de la ele.

Por el tipo de escritura, la fórmula funeraria y el uso del *tria nomina* se fecharía entre finales del siglo I y primera mitad del II.

371

En la jamba de una puerta de entrada a la finca propiedad de Sebastián Rico Solís, en el camino de Trujillo, se encuentra la segunda inscripción, de la que desconocemos su emplazamiento original. Seguramente procede de alguna de las varias necrópolis romanas localizadas en la zona.

Se trata de una estela de granito claro con cabecera redondeada. Está rota por abajo y presenta un vaciado rectangular realizado seguramente para su reutilización en

una puerta. El vaciado afecta a las dos primeras líneas de donde faltan varias letras. Éstas, muy regulares y de perfecto grabado, son capitales cuadradas y la interpunción redonda.

Dimensiones (55) x 35 x ?

VALER[IA] L(ucii) F(ilia) /
LAETA AN(norum) / LXXX
(octoginta) · H(ic) S(ita) / E(st)
· S(it) · T(ibi) · T(erra) · L(evis) ·

Aquí yace Valeria Laeta, hija de Lucio, de 80 años. Que la tierra te sea leve.

Altura de las letras: 1: 6;
2-4: 5.



Laeta es un *cognomen* romano cuyos testimonios se concentran en el Suroeste peninsular¹. En la epigrafía cacereña sólo se conoce un caso, procedente de la localidad de Miajadas².

Por el formulario y el tipo de escritura, con perfecta *ordinatio* y letra cuidada, se fecharía entre finales del siglo I y primera mitad del II.

372

La tercera inscripción fue descubierta, en 1986, por D. J. Arias Alvarado en el sitio “Valdelagrulla”, cerca de la ermita de la Magdalena, en el transcurso de las labores agrícolas. Actualmente se conserva en el corral de la casa situada en la calle Calvario, n.º 8.

La estela está elaborada en granito claro, con cabecera semi-circular, rota por la parte inferior. En la parte superior lleva un doble triángulo equilátero, el exterior con el vértice superior sin cerrar. La

rotura afecta a la línea 3. Las letras, con perfectamente grabadas y remate triangular, son capitales cuadradas y la interpunción redonda.

Dimensiones: (56) x 27 x 14.

G(aius) · IVLIV(s) / G(aii) ·
F(ilius) · MA[—] / [- - -]

Gayo Julio Máximo, hijo de Gayo
[...]

Altura de las letras: 1: 5,5-6; 2: 6.

La onomástica es de lo más común, por lo que desistimos de cualquier comentario.

Por el tipo de escritura y el uso del *tria nomina* se fecharía entre finales del siglo I y primera mitad del II.



¹ J. UNTERMANN, *Elementos de un atlas antroponímico de la Hispania antigua*, 1965, pág. 119, mapa 47.

² *HAE*, 735.

La última inscripción procede de la finca “Revuelo”, ubicada a unos 2 km de la localidad desde donde fue llevada al corral de la casa n.º 8 de la calle Calvario, propiedad de J. Arias Alvarado.

La estela se ha elaborada en un bloque rectangular de granito claro con cabecera redondeada. Está rota por la parte inferior y en el lateral derecho. La rotura afecta al texto, del que se conservan cuatro líneas. Se halla en un avanzado estado de deterioro. Las letras son capitales cuadradas con rasgos rústicos y los signos de interpunción redondos.

Dimensiones: (51) x 30 x 17.

L(*ucius*) / NORB(*anus*) / Q(*uinti*) · F(*ilius*) · CAL/VS · AN(*orum*) / [- - - - -]

Lucio Norbano Calo, hijo de Quinto...

Altura de las letras: 1: 5; 2 y 3: 6; 4: 7.

El *nomen Norbanus* es, con diferencia, el más extendido en la zona. La localidad de Valdefuentes, situada a 30 km de *Norba*, se encuentra en los límites del área de expansión de los *Norbani*³, concentrada en torno a esta importante vía de comunicación que unía la *Colonia Norba Caesarina* y *Metellinum*.

Calus es un *cognomen* indígena muy localizado en el área de influencia de *Norba*. Sólo se conocen dos testimonios más, ambos en la provincia de Cáceres, uno procedente de Villamesías⁴ y otro de Alcuéscar⁵. Este último, curiosamente, lleva idéntico *tria nomina*, aunque la filiación es distinta⁶.

³ J. SALAS – J. ESTEBAN, *La Colonia Norba Caesarina y la Gens Norbana en Hispania*, Cáceres 1994.

⁴ J. L. GAMALLO – H. GIMENO, “Inscripciones del norte y sudoeste de la provincia de Cáceres: revisión y nuevas aportaciones”, *CUPAUAM* 17, 1990, pág. 284.

⁵ J. SALAS – J. ROSCO, “Epigrafía latina funeraria de Santa Lucía del Trampal II (Alcuéscar, Cáceres)”, *Norba* 14, pág. 73, lám. 15.

⁶ El *nomen* va abreviado lo que indica la pertenencia del difunto a una familia muy conocida del lugar. La más frecuente en la epigrafía del Trampal y en toda la zona es la *Norbana*, a la cual debió pertenecer con toda probabilidad nuestro personaje.

El radical *Cal-* de este *cognomen* indígena esta presente en otros antropónimos como: *Calaetus*, *Callaburus*, *Callia*, *Calutia*, etc., todos ellos presentes en la epigrafía regional.

El difunto es un ciudadano romano procedente del sustrato local como así lo pone de manifiesto su *cognomen*.

Por el tipo de escritura y, sobre todo, por el uso del *tria nomina* se fecharía entre finales del siglo I y primera mitad del II.

JULIO ESTEBAN



373

MILIÁRIO DE CONSTÂNCIO CLORO,
EM ALTER DO CHÃO
(*Conventus Pacensis*)

Miliário de granito da região encontrado, em Abril de 2005, no decorrer de obras de remodelação no interior do n.º 17 da Rua de S. Brás, em Alter do Chão, quando se procurava abrir uma porta, derrubando uma parede, em que estaria, portanto, a servir de entulho.¹ Conserva-se a parte superior do miliário (possivelmente foi partido aquando da reutilização), tendo a zona contrária à da inscrição sido escavada, em determinado momento, talvez para ser usado como bica.

Guarda-se em casa dos proprietários.

Dimensões: altura – 41 cm; diâmetro – 21 cm.

“Campo epigráfico”: 37 x 30.

D(*omino*) N(*ostro*) [?] / D(*omino*) N(*ostro*) FLAV(*io*) / VALERI[O]
/ CONST[ANTIO] / NOB[ILISS(*imo*) CAES(*ari*)] / [...] ?

A Nosso Senhor Flávio Valério Constâncio, mui nobre César (...)

Altura das letras: l. 1: 6; l. 2: 7; l. 3 e 4: 6. Espaços: 1: 4; 2: 4; 3 e 4: 2; 5: 1.

A l. 4 mais se intui do que se lê, porquanto ao seu nível ocorreu a fractura, deixando visíveis a metade superior das letras. Os caracteres foram, porém, gravados profundamente, com alguma regularidade gráfica, sendo de notar o travessão oblíquo do A, mormente na l. 2.

¹ Agradecemos aos proprietários do edifício, Joaquim Godinho e Conceição Godinho, a gentileza de nos terem dado a conhecer o achado e de nos haverem permitido o seu estudo.

A estação arqueológica mais próxima da casa é a *villa* romana de Ferragial d’El Rei, da qual dista cerca de 600 metros. No entanto, o miliário poderá ter sido trazido de fora da localidade, fazendo parte da via que ligava *Olisipo* a *Emerita Augusta* e que passava obrigatoriamente por *Abelterium*, seguramente o nome da povoação romana onde viria a surgir Alter do Chão².

O miliário é dedicado ao imperador Constâncio I – também chamado «Cloro», isto é, «o Pálido», na época bizantina – que reinou de 305 a 306. Pierre Sillières indica dele dois miliários nas vias da Hispânia meridional³ e foi seguramente a este imperador que a *civitas Aeminiensis* honrou como *dilectus princeps*, nascido para *auumentum Reipublicae*⁴, tal como também o fez a *respublica Hispalensis*, de Sevilha (CIL II 1171 = ILER 1171). Uma simples busca na base de dados de *Hispania Epigraphica* <http://www.ubi-erat-lupa.austrogate.at/hispep/public/index.php> mostrará que, afinal, este imperador, apesar do seu curto reinado sozinho, muito se interessou pelas vias da parte ocidental do Império, a darmos crédito aos vários miliários que, com o seu nome, surgem no Noroeste peninsular. No *conventus Pacensis* recolhêramos apenas dois miliários, mas no âmbito da tetrarquia (IRCP 669 e 671)⁵, um na via de *Pax Iulia* a *Myrtilis* e outro na via de *Olisipo* a *Ebora*, por *Salacia*.

A identificação deste miliário numa via tão importante como a de *Emerita* a *Olisipo* vem demonstrar, mais uma vez, a relevância em todos os tempos, dado que é aproveitada para nela se honrar o imperador. Na verdade, tal como acontece em muitos miliários desta época, o número de milhas pode estar omissa e a função da epígrafe ser mais de propaganda que de utilidade prática, de marcação de distâncias⁶.

JOSÉ D’ENCARNAÇÃO
JOÃO RAFAEL NISA

² Cf., a título de exemplo, Jorge de ALARCÃO, *O Domínio Romano em Portugal*, Publicações Europa-América, Mem Martins, 1988, p. 99-100.

³ Pierre SILLIÈRES, *Les Voies de Communication de l’Hispanie Méridionale*, De Boccard, Paris, 1990, p. 168.

⁴ José VIVES, *Inscripciones Latinas de la España Romana* (= ILER), Barcelona, 1971, inscrições n.ºs 1218 e 1236 – nesta, atribuindo o texto ao tempo de Constâncio II, na esteira de Hübner (CIL II 5239), que, no entanto, no índice (p. 1110), manifesta dúvidas acerca da atribuição desta inscrição eminiense a um ou a outro destes imperadores.

⁵ IRCP = José d’ENCARNAÇÃO, *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis*, Coimbra, 1984. O número indicado é o da inscrição neste *corpus*.

⁶ Cf. José d’ENCARNAÇÃO, «Miliários da Geira: informação e propaganda», *CADERNOS de Arqueologia* 12-13 1995-1996 39-43.



374

375-376

DOS MILIARIOS DE NARRILLOS DEL ÁLAMO,
ÁVILA
(*Conventus Emeritensis*)

375

Miliario de granito rosáceo. Fue localizado en 1993 por L. C. San Miguel con motivo de la realización de prospecciones arqueológicas en una calle junto a la iglesia parroquial. Según un vecino de la localidad, el miliario formaba parte – desde hace mucho tiempo – del pavimento de la calle que discurre a poniente de la iglesia. En la actualidad se utiliza como banco en el jardincillo que se abre en las inmediaciones de la iglesia, casi frente a su fachada principal. El campo epigráfico se conserva en buen estado, sin que pueda advertirse pérdida de texto.

Dimensiones: 217 alto x 40 diámetro.

LII

52 (millas)

Altura de las letras: 9.

Aunque hasta el momento en este territorio no se han reconocido tramos viarios con los que relacionar este miliario, en el mapa histórico de la provincia de Salamanca realizado por C. Morán¹, Narrillos del Álamo se sitúa en el centro de un triángulo formado por tres vías que discurren de Peñaranda de Bracamonte a Calzada (dirección NE-SO), de Salamanca a la provincia de Ávila por Horcajo (dirección NO-SE) y de Guijuelo a Ávila por el Puente Congosto (dirección O-E). Si no

¹ Reseña histórico artística de la provincia de Salamanca, Salamanca, s.p.

se ha desplazado de su ubicación original, aspecto que no se podría descartar, se podría pensar en la existencia de un ramal que enlazase la Vía de la Plata (A-24) con la que discurre pareja al trazado de la N-401, la que comunica los territorios abulense y cacereño a través del Puerto de Tornavacas.



376

Miliario de granito rosáceo. Fue identificado en 2001 en el mismo lugar donde actualmente se encuentra, por J. Jiménez y R. Santamaría, del Museo de Ávila: dispuesto en horizontal y trabado con cemento, reutilizado como poyo a la puerta de una vivienda en la calle Constitución (travesía de la carretera comarcal), casi en frente del cruce con la calle Egio. Si tiene campo epigráfico, éste se encuentra oculto.

Dimensiones: 200 alto x 21,5 diámetro.



MARÍA DEL ROSARIO HERNANDO SOBRINO
JOSÉ LUIS GAMALLO BARRANCO